



Deise Quintiliano e Roberta Stanke entrevistam Evanildo Bechara, professor, filólogo, linguista e lexicógrafo

Deise Quintiliano and Roberta Stanke interview Evanildo Bechara, professor, philologist, linguist and lexicographer



Evanildo Bechara (foto do dia da entrevista).

Nascido no Recife a 26 de fevereiro de 1928, o professor Bechara transferiu residência para o Rio de Janeiro em 1940, a fim de determinar sua formação cultural na companhia do tio-avô materno, Benedito Clímaco de Holanda Cavalcante. Filólogo, linguista e lexicógrafo, é Professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Atuou, por décadas, nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino fundamental e médio oferecidos pelo Liceu Literário Português, de onde é Vice-Presidente Cultural, além de ministrar palestras sobre



Educação e Língua Portuguesa em escolas e universidades dentro e fora do país. É membro do Comitê Científico da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, como representante da Academia Brasileira de Letras; membro da Comissão Nacional do Brasil junto ao Instituto Internacional de Língua Portuguesa (IILP); membro da Academia Brasileira de Filologia; Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; Doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra; membro da Société de Linguistique Romane; membro da Academia Brasileira de Letras e da Comissão de Lexicologia e Lexicografia da mesma instituição; e o representante brasileiro do Acordo Ortográfico vigente. Recentemente, em sua homenagem, foi instituída pelo Instituto de Letras da UERJ a *Cátedra Evanildo Bechara*, criada para promover eventos sobre Língua Portuguesa e estudos linguísticos no Brasil e em outros pa ses¹.

Nesta entrevista, o professor Evanildo Bechara responde a 6 questões diretamente relacionadas à sua trajetória profissional, no âmbito das Letras, nas suas áreas mais específicas de atuação. Nesse sentido, nosso convidado reflete sobre o ensino de Filologia Rom nica, da Língua Portuguesa, da gramática (BECHARA, 2019) e dos rumos e usos da nossa Língua materna, no Brasil. De fato, tão logo tivemos a honra de sermos convidadas a organizar o volume 61 da Matraga – “Miscelâneas” –, fomos informadas de que deveríamos proceder a uma entrevista com alguma personalidade no âmbito das Letras. Os pensamentos pesavam, pupilas ao alto, escleras salientes ao baixo. Estaríamos pensando na mesma pessoa? Sim. Estávamos. Mas, e as dificuldades, a ABL, a idade avançada, a agenda... seria possível? Obtivemos o telefone pessoal. Era um fixo. “– Eu vou tentar!” – disse. Caça a noitinha. A cuidadora atendeu e pedi para deixar um recado, solicitando uma pequena entrevista com o meu ex-professor, esclarecendo do que se tratava, muito receosa em incomodar. “– Não, professora, aguarde um instante. Ele faz questão de falar com a senhora.” Foi, então, que ouvi o mesmo timbre límpido da sala de aula (quase tão forte quanto o de outrora), a mesma inflexão melódica da voz, eivada de delicadeza. Num misto de alegria e profunda emoção, uma longa conversa se sucedeu. Ele se alegrava e se espantava com o fato de falar com a única aluna da turma Alceu Amoroso Lima a ter prosseguido na carreira acadêmica e diante de cada resposta que eu lhe dava – era ele que me entrevistava – recebia de volta um “–    , que maravilha, minha filha!” E como uma árvore que olha para o seu fruto, um animal para a sua cria, um pintor para a sua obra, percebi, de imediato, o quanto ele se sentia partícipe, não apenas do processo de minha formação, mas de todas as formações das quais participara, bem como do jogo de sedução para o exercício da profissão que, juntamente com outros incríveis professores, ele ajudara a exercer na minha tomada de decisão definitiva: “–   isso o que eu quero fazer!”.

Sob a égide de Proust, uma memória involuntária se desdobrou, já que a sonoridade vivificava eventos como numa película do Alain Resnais, baseada na sobreposição de imagens que se projetavam no meu telão interior. Brotavam, assim, reminiscências dos tempos primrios da longa carreira do professor, que se estende por mais de sete décadas. L  estava o jovem Evanildo, promovendo um regramento inaugural da matéria caótica preexistente no nosso universo lusófono, apoiada no modelo histórico-filosófico-pedagógico-linguístico.

¹ Dados biográficos cedidos pela ABL.

Embora tributária de regras provenientes do cânone, notadamente marcadas pela criação da NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira –, em 1959, a normatização proposta por nosso demiurgo assimila o advento da ciência Linguística, da febre Estruturalista, sem negligenciar os aportes de uma nova ordem emergente, que seriam conglomerados na *Moderna Gramática Portuguesa*, de 1961, em sintonia fina com Caetano: “Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões”. O verso traduz pertinentemente a relação entre o português do Brasil e o de Portugal – Camões tendo sido o poeta lusitano alçado à condição de parâmetro do português moderno. Com efeito, ao desenvolver estudos minuciosos da língua portuguesa, em suas mais diversas manifestações, vultuosos trabalhos acadêmicos, pesquisas e publicações, Bechara fornece à posteridade uma panóplia de tópicos que abrangem da gramática normativa a variações estilísticas, da linguística americana a fenômenos dialetais, passando pela filologia e pela fonêmica.

Nosso escopo maior é dar voz a esse grande protagonista da nossa história; é lançar no ar porções de pólen aptas a fecundar sua criatividade mnemônica; é trazer à luz sua gnose singular, norteadora de sendas seguras já trilhadas por nosso audaz antecessor. É sempre necessário retornarmos à fonte originária do pensamento bechariano, revisitando o “estado da arte” de suas reflexões para delas haurir o “substantífico tutano” de que nos fala Rabelais. Ante a precipitação do desfecho do diálogo – já tornado bate-papo –, era o momento da passagem do contato da generosa e competente assessora do professor, na ABL, Cristiane Cardoso, a quem deixamos aqui um agradecimento muito especial, pois, sem sua cooperação, solidariedade e sensibilidade, a entrevista não teria sido possível. Equalizando agenda, condições físicas, maneira e momento mais adequados de efetuar a gravação que, na sequência, deveria ser digitalizada, deu exequibilidade a nosso propósito, mas, sobretudo, a nosso desejo de contemplar leitores e leitoras da *Matraga* com essa pequena entrevista, de um grande Homem, que jamais se arrogou o papel de um *scholar* clássico, fato comum apenas aos gigantes, cuja imortalidade antecede à posse na ABL. Peço licença ao genial Gilles Deleuze, que proferiu, sobre Sartre, a célebre frase: “il a été mon maître”. O professor Bechara é o Mestre de todos nós.

MATRAGA | Professor Bechara, o senhor poderia destacar os momentos mais gratificantes da sua trajetória como estudioso da Língua Portuguesa, explicitando como eles moldaram sua visão sobre a importância da gramática, tanto na perspectiva acadêmica quanto na da vida cotidiana do brasileiro?

E. B. | Desde cedo, eu me preocupei com a boa exposição dos assuntos gramaticais. Tive a sorte de ter no meu caminho uma figura excepcional, a do Professor Manoel Said Ali Ida, que nasceu em Petrópolis, de uma família alemã. O professor Said Ali (BECHARA, 1962) me deu aquela orientação científica para estudar os assuntos sempre com muito cuidado, muita atenção, e vendo os diversos aspectos pelos quais o assunto poderia ser tratado, de modo que essa é uma preocupação constante de tudo por que tenho falado ou escrito durante a minha vida profissional de professor.

MATRAGA | O que o inspirou a se candidatar à ABL e como o senhor definiria a responsabilidade e a importância de fazer parte de uma instituição tão prestigiosa para a preservação e difusão da língua e da cultura brasileiras, bem como para a promoção da gramática no Brasil?

E. B. | Eu comecei na Academia, trabalhando na Academia como colaborador a convite do meu amigo e colega Arnaldo Niskier. Durante muitos anos, ocupei essa posição no setor de filologia e gramática, escrevendo os meus trabalhos, orientando os alunos que por acaso batessem à porta da Academia Brasileira de Letras para fins de orientação. De modo que toda a minha vida tem sido uma tentativa de melhorar não só a exposição da matéria, mas a compreensão de todos os problemas que o assunto envolve.

A Academia tem uma importância capital nos assuntos de Língua Portuguesa, cabe a ela o estudo da língua e da literatura nacional. Naturalmente, no campo da literatura nacional, nós temos os nossos amigos especialistas que trabalham ao nosso lado, mas em outro setor, com os assuntos relevantes da sua disciplina. O nosso trabalho na Academia, além da pesquisa pessoal, do trabalho pessoal de cada um, a nossa preocupação é também orientar aqueles que começam, de modo que muitos alunos que terminam a Faculdade de Letras com a tentativa ou o desejo de se especializar em Língua Portuguesa procuram, com muita razão, a orientação ou pelo menos os primeiros conselhos da Academia Brasileira de Letras.

Matraga: Considerando a natureza dinâmica da linguagem e a evolução histórica das línguas, como o senhor avalia o papel da filologia na contemporaneidade e sua relevância para preservar e compreender as variações linguísticas, os dialetos, os arcaísmos e neologismos, bem como as influências das novas tecnologias na forma como nos comunicamos?

E. B. | Uma língua não é somente um instrumental falado. Uma língua é também o seu repositório escrito. E esse repositório escrito nos orienta para a boa compreensão da língua, do seu estudo, do seu mecanismo e de como nós podemos levar isso aos jovens alunos que saem da Faculdade para se dirigirem à sala de aula como professor de Língua Portuguesa. Naturalmente, a Língua Portuguesa apresenta, como todas as línguas, variantes de todos os tipos, principalmente o que nos interessa agora mais de perto, a variedade científica. Então, ao lado da língua estudada pelos gramáticos existem as composições escritas por grandes autores, e o estudioso de língua procura ver como esses autores utilizam todas as potencialidades da língua escrita para a representação adequada e corrente dos seus pensamentos, emoções e sentimentos.

MATRAGA | Como o estudo da literatura pode enriquecer a análise filológica da gramática, e como as estruturas linguísticas presentes nas obras literárias podem ser utilizadas para se compreender a mutação e as variações da língua ao longo do tempo?

E. B. | Estudar uma língua é estudar toda a sua potencialidade. Isso nós tentamos fazer estudando os bons autores, estudando os mestres que nos precederam, entre os quais ponho em



primeiro lugar a obra do professor e meu mestre Said Ali. Ao lado do professor Said Ali, eu sempre procurei ver as orientações sempre muito bem formuladas ou quase sempre muito bem formuladas por Antenor Nascentes e pelo professor José Oiticica. Isto permitiu que eu levasse aos jovens e aos novos professores que saíam da Faculdade uma orientação científica capaz de atender às necessidades do rigor científico.

MATRAGA | Considerando-se a importância de se manter a gramática viva e atualizada, de que maneira a aceleração das trocas interativas, em consonância com o mundo globalizado, na era digital, afetam positiva ou negativamente o trabalho do gramático de Língua Portuguesa?

E. B. | O gramático trabalha com a língua literariamente exposta. Entretanto, ao lado dessa modalidade linguística se apresentam outras modalidades. Modalidades regionais, modalidades individuais, estilos especiais de autores. De modo que a gramática, sem perder a sua razão histórica, se serve desses instrumentos novos para mostrar que ao lado da língua-padrão, outras línguas, outras variedades de língua também funcionam nessa mesma língua comum.

MATRAGA | Professor, o senhor não ignora que a constituição de uma história acadêmica tão duradora – na década de 1980, pelo menos, a disciplina de filologia românica 1 era exclusivamente ministrada pelo senhor, aqui na UERJ –, tendo formado gerações de alunos, a maioria dos quais, já admiradores, se tornaram orientandos, professores, pesquisadores, em suma, uma legião de acadêmicos que manteve um contato muito próximo com o senhor. A esse público especial que nos lê, que conselhos, advertências ou mensagem o senhor gostaria de transmitir, bem como às novas gerações de estudantes de Língua Portuguesa?

E. B. | O papel fundamental do professor é transmitir a seus alunos o bom uso da língua. Entretanto, ao lado desse bom uso da língua, para assuntos literários e científicos, nós temos também variedades individuais, variedades regionais, variedades estilísticas e todas essas variedades são úteis. Um autor não é somente um conhecedor da língua-padrão, é também um conhecedor de todas as manifestações ou das mais importantes manifestações da sua língua exemplar. Então, pela obra, pela natureza da obra científica ou literária, a língua-padrão se modela por esse novo estilo e passa a ser um modelo para a geração futura.

A mensagem que eu deixo para todos os meus alunos, ou aqueles que não foram meus alunos diretamente em sala de aula, mas o foram pela minha obra escrita, eu aconselho o bom senso. Aconselho o bom senso no trato da língua, mostrando que a língua não é somente a variedade culta, mas as diversas variedades que põem ao escritor a possibilidade de se exprimir em outros dialetos dentro da própria língua-padrão.